

**“Não tem que ser bom editor, tem que ser rápido”  
Redes de edição de Clarice Lispector em meados do séc. XX<sup>1</sup>**

Ana Elisa RIBEIRO<sup>2</sup>  
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

**RESUMO**

Com base em dois livros de correspondências de Clarice Lispector, este ensaio focaliza os processos de criação, negociação e publicação de livros da autora, em meados do século XX. Evidenciam-se o sofrimento e a exasperação da autora em busca de editores, o que se fazia por meio de cartas e da mediação de redes sociais acionadas a distância, sem os meios de comunicação de que dispomos hoje. Os caminhos tortuosos da edição de obras literárias são iluminados neste trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Produção Editorial; Publicação de Livros; Redes do Livro; Cadeia Produtiva; Clarice Lispector.

**Contextualização**

Os processos de edição de livros são múltiplos e fortemente ligados às questões sociais, discursivas e tecnológicas de seu tempo. Na história de longa duração da leitura e dos processos de edição (Chartier, 1998; 1998a; 2001; Fischer, 2006), o livro está presente, em diversos formatos e suportes, há milênios, havendo estudos que o rastreiam e analisam em sua genealogia, desde as tabuletas de pedra ou cera aos arquivos que “rodam” em *displays* de tecnologia digital.

Neste trabalho, dedico minha atenção à edição do livro literário, certamente um gênero à parte na produção livreira. Diferentemente das enciclopédias, dos didáticos ou dos livros técnicos, o livro literário nasce e se multiplica de forma específica em relação aos demais, tendo, portanto, um ciclo de vida peculiar, assim como mecanismos próprios de existência, legitimação, valor, circulação e consumo, o que inclui, provavelmente, diferenças, principalmente, em relação: à produção do original; à sua inscrição entre os gêneros “positivos” e legítimos em nossa sociedade (incluindo-se as instituições que ajudam a legitimá-lo e as implicações quanto aos hábitos de consumo/leitura); e em relação à sua duração como obra socialmente valorizada. Longe de pensá-lo como um objeto descontextualizado, quero, aqui, observar o caso da edição de livros da escritora Clarice Lispector à luz do que a socióloga francesa Joëlle Bahloul (2002) chama de “redes de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Docente do PPG em Estudos de Linguagens e do bacharelado em Letras – Tecnologias da Edição do CEFET-MG. anadigital@gmail.com

informação e de circulação das obras”<sup>3</sup>, mas ainda focalizando tempos e espaços pré-editoriais, isto é, os caminhos dos originais antes dos editores, mas já pensados como livros.

Para alcançar o objetivo de visualizar como Clarice Lispector produzia e fazia chegar seus livros aos editores (e ao leitor), lancei mão da leitura de dois de seus livros de correspondências (2002; 2011): o primeiro, em que escreve para amigos e parentes; e o segundo, em que troca cartas com o escritor mineiro Fernando Sabino, seu grande amigo e editor. Por meio dessa correspondência, é possível obter um pálido (mas interessante) retrato da maneira como Clarice Lispector produzia seus livros e acionava sua rede social em busca de publicação, mesmo morando fora do Brasil. Também se pode vislumbrar a relação entre escritores e editores em meados do século XX, período em que a literatura brasileira se consolida e nacionaliza de vez.

Primeiramente, ofereço uma breve biobibliografia de Clarice Lispector, para, em seguida, expor seu diálogo com parceiros que faziam elos entre suas obras originais e inéditas e o público, que as recebe até os dias de hoje. As questões de criação serão abordadas aqui juntamente com as questões de edição, ambas no contexto social, político e, principalmente, tecnológico dos anos 1940-1970.

### **Clarice Lispector**

Filha de Mania e Pinkhas Lispector, Clarice, cujo nome de batismo era Haia (Vida), nasceu na Ucrânia, em 10 de dezembro de 1920. A família (pais e duas irmãs) chegou a Alagoas em 1922, fugindo da Guerra Civil Russa, e se hospedou na casa de parentes que já estavam no Brasil. Os nomes de todos foram, então, abrigados, passando Haia a se chamar Clarice. Em 1925, os Lispector transferiram-se para Recife e, em 1928, Clarice começou a frequentar a escola. Já em 1930, escreveu sua primeira peça de teatro: *Pobre menina rica*. Tentou publicar textos curtos na imprensa recifense, mas não alcançou esse objetivo. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1935 e, em 1939, tornou-se aluna da Faculdade Nacional de Direito.

A primeira publicação de Clarice foi o conto “Triunfo”, no semanário *Pan*, editado por Tasso da Silveira, em 1940, quando ela tinha, então, 20 anos. Nessa época, após a morte do pai, Clarice passou a morar com a irmã casada Tania, e começou a trabalhar como redatora e repórter da Agência Nacional. Seu primeiro emprego foi no jornal *A noite*, como repórter, em 1942. Naturalizou-se brasileira em 1943, sendo belíssima a carta que enviou ao

---

<sup>3</sup> O sociólogo português Jorge Manuel Martins (2005) também emprega a palavra “redes” para se referir aos processos que envolvem o livro, no lugar da palavra “cadeia”.

então presidente Getúlio Vargas, a quem fez seu pedido de naturalização<sup>4</sup>. Foi também nesse ano que Clarice se casou com o colega de faculdade Maury Rangel Valente, já diplomata, e que lançou o primeiro livro: *Perto do coração selvagem*, que seria premiado no ano seguinte.

Em 1944, Clarice e o marido foram para a Itália e, até 1960, a vida da escritora se passou fora do Brasil, motivo pelo qual sua correspondência com amigos e parentes tornou-se quase a única forma de comunicação e de ativação de suas redes sociais. Em 1946, a escritora lançou *O lustre*; em 1949, *A cidade sitiada*, produzido enquanto ela morava na Suíça (onde nasceu seu primeiro filho, Pedro, no ano anterior). Ambos os lançamentos foram feitos quando de suas passagens pelo Rio de Janeiro. Publicou, no mesmo ano, *Alguns contos*, pelo Ministério de Educação e Saúde brasileiro, mesmo morando nos Estados Unidos, onde nasceu seu segundo filho, Paulo.

Os livros de Clarice começaram, então, uma trajetória internacional. Em 1954, saiu a tradução de *Perto do coração selvagem* pela editora francesa Plon. Cinco anos depois, a escritora retornou ao Rio de Janeiro, separada do marido, e assumiu uma coluna no jornal *Correio da Manhã*, sob o pseudônimo de Helen Palmer. Em 1960, Clarice Lispector publicou *Laços de família*. No ano seguinte, publicou *A maçã no escuro* e ganhou o prêmio Jabuti pelo livro anterior. No ano seguinte, ganharia um prêmio pelo o livro *A maçã no escuro* também. Publicou *A legião estrangeira* (conto) e *A paixão segundo G.H.* (romance) em 1964.

Em 1967, publicou seu primeiro livro infantil, intitulado *O mistério do coelho pensante*. O segundo infantil veio em 1968, *A mulher que matou os peixes*. Publicou *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* em 1969, livro que também ganharia prêmios. Em 1971, surgiu o livro de contos *Felicidade clandestina* e, no ano seguinte, foram publicados *Água viva* (romance) e *A imitação da rosa* (contos). *A via crucis do corpo* e *Onde estivestes de noite*, livros de contos, foram publicados em 1974, juntamente com seu terceiro infantil, *A vida íntima de Laura*. Nesse mesmo ano, Clarice tornou-se prolífica tradutora.

Nos anos seguintes, até 1977, quando faleceu (em 9 de dezembro, vítima de câncer no ovário, diagnóstico que não conheceu), a escritora assumiu colunas em jornais e revistas. Desse ano até 1979, foram ainda publicados os livros *A hora da estrela* (novela), *Um sopro de vida* (romance), *Quase de verdade* (infantil), *Para não esquecer* (crônicas) e *A bela e a*

---

<sup>4</sup> Esta carta está em Lispector (2002), páginas 33-34.

*fera. A paixão segundo G.H.* foi publicado na França, em áudio, pelas Éditions des Femme, em 1983, e, no ano seguinte, um livro de suas crônicas no *Jornal do Brasil* veio à luz: *A descoberta do mundo*. Daí em diante, Clarice e suas obras foram mote para shows<sup>5</sup>, peças de teatro<sup>6</sup>, exposições<sup>7</sup>, audiolivros<sup>8</sup> e filmes<sup>9</sup>. Mais um livro infantil foi publicado, *Como nasceram as estrelas*, além de uma peça de teatro, *A pecadora queimada e os anjos harmoniosos*, encenada em 1992. Os livros de correspondências começaram a surgir em 2002, sendo o primeiro deles *Correspondências*, empregado como fonte de pesquisa neste trabalho, sem mencionar uma infinidade de especiais e coletâneas impressos, edição de cartas e textos esparsos.

As reedições de livros tiveram início em setembro de 1998, quando a editora Rocco lançou toda a obra da escritora, com projeto editorial e gráfico cuidadoso. Em 2008, uma nova onda de reedições deu ao público, com novo projeto, livros como *A descoberta do mundo* (crônicas) e todos os outros, incluindo-se a edição de luxo de *A vida íntima de Laura*, infantil, em 2012<sup>10</sup>. Em tempos de internet, Clarice Lispector é um dos autores brasileiros que mais circulam, inclusive de forma imprópria, sendo atribuídos a ela textos e frases de maneira equivocada. Como em uma espécie de mau presságio, ela diz, em carta à amiga Andréa Azulay, nos anos 1970:

Ontem fui dormir tão cansada, mas tão cansada, que fiquei com medo de cair na rua. Dormi de oito e meia da noite até quatro e meia da manhã. Acordei com um pesadelo terrível: sonhei que ia para fora do Brasil (vou mesmo em agosto) e quando voltava ficava sabendo que muita gente tinha escrito coisas e assinava embaixo o meu nome. Eu reclamava, dizia que não era eu, e ninguém acreditava, e riam de mim. (Lispector, 2002, p. 291)

A cronologia das publicações de Clarice interessa de perto a este trabalho, razão pela qual esta linha do tempo pode ajudar a visualizar a evolução de sua obra:

<sup>5</sup> Maria Bethânia, no Canecão, em 1984.

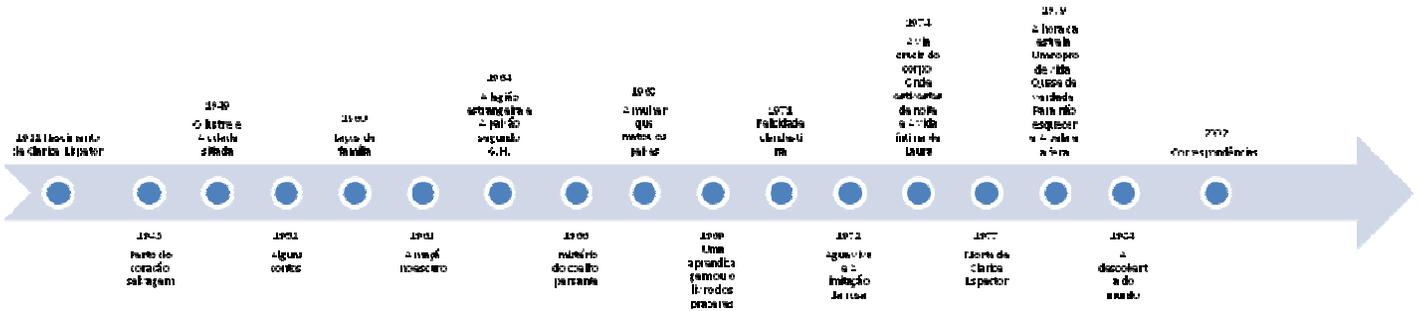
<sup>6</sup> *A paixão segundo G.H.*, por Cibele Forjaz, em 1989; *A mulher que matou os peixes*, com Zezé Polessa; *Que mistérios tem Clarice?*, em 1998, e *Clarice – coração selvagem*; *A hora da estrela*, 2001; *Um sopro de vida*, 2008; *Simplesmente eu*, *Clarice Lispector*, com Beth Goulart, 2009.

<sup>7</sup> *A paixão segundo Clarice Lispector*, de Lícia Manzo e Gisela Magalhães. O Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, produziu a mostra *Clarice Lispector – a hora da estrela*, em 2007.

<sup>8</sup> *Clarice Lispector* (seleção de contos pela Luz da Cidade, 1998), *Doze lendas brasileiras*, *A mulher que matou os peixes* (Luz da Cidade, 2000), *A descoberta do mundo* (Luz da Cidade, com interpretação de Aracy Balabanian, 2002), *A hora da estrela* (com narração de Maria Bethânia e Pedro Paulo Rangel, editora Rocco, em 2006).

<sup>9</sup> *A hora da estrela*, de Suzana Amaral, em 1985; *O corpo*, 1991; o média-metragem *Chamada final*, 1994; *Ruído de passos*, curta-metragem, 1995; *Clandestina felicidade*, curta em 1998; *Macabéia*, em 2000; *O ovo*, 2003; *A hora da estrela*, para a televisão, em 2003.

<sup>10</sup> Informações do site oficial de Clarice Lispector, em < <http://www.claricelispector.com.br/Default.aspx>>, acessado em 12 de março de 2013. Uma cronologia da autora pode ser melhor visualizada lá.



A despeito de Clarice Lispector ter sido uma escritora de diversos gêneros e suportes (jornais, revistas, livros com contos, romances, infantis, peças teatrais), o foco deste trabalho é sua produção em livros e os processos criativos e de edição de sua obra. A poesia foi o único gênero literário que Clarice não experimentou, ainda que Manuel Bandeira tenha-lhe dito, em carta de 1945: “Você é poeta, Clarice querida. Até hoje tenho remorso do que disse a respeito dos versos que você me mostrou. Você interpretou mal as minhas palavras” (Lispector, 2002, p. 79).

### O original de Clarice

Ao contrário do que pensam muitos sobre a “facilidade” de escrever que os artistas teriam, nas cartas aos amigos e parentes, Clarice Lispector demonstra ao menos três elementos de sua criação: o sofrimento, a ansiedade (especialmente por publicar) e a forte consideração da escrita como trabalho, e não apenas como “inspiração”, “dom” ou “talento”. Em carta à irmã Tania, em fevereiro de 1944, Clarice se autoavalia: “Quanto ao meu trabalho, ando horrivelmente desfibrada: tudo o que tenho escrito é bagaço; sem gosto, me imitando, ou tomando um tom fácil que não me interessa nem agrada” (Lispector, 2002, p. 38). A forte autoavaliação de seus textos dá a ver que a escrita era, para ela, um processo custoso e lento, como também explica ao amigo Lúcio Cardoso, escritor de renome: “Antes de começar a escrever eu tinha a impressão de que ia lhe contar como eu tenho escrito, como eu tenho duvidado, como eu acho horrível o que eu tenho escrito e como às vezes me parece sufocante de bom o que tenho escrito, e dois dias depois aquilo não vale nada” (Lispector, 2002, p. 41-42).

Em outros trechos a Lúcio Cardoso, em 1945, a autora dá mais demonstração de que seus textos são fruto de um processo trabalhoso: “Mas não consigo, as coisas me vêm esparsas – e além disso eu de tal modo desconfio de mim, com medo de escrever facilmente com a ponta dos dedos, que nada faço” (Lispector, 2002, p. 63). E ainda: “Estou tentando escrever qualquer coisa que me parece tão difícil para mim mesma que eu me contenho para

não me desesperar” (Lispector, 2002, p. 66). Em junho de 1947, em carta a Lúcio, diz Clarice:

Continuo a trabalhar mas como num pesadelo. Seria tão bom que você lesse um pouco o que faço e dissesse se estou doida ou não. Ou então não lesse, mas me explicasse várias coisas. Às vezes continuar a escrever tem para mim o ar de uma teimosia, digamos ao menos de uma teimosia mais ou menos vital (...). (Lispector, 2002, p. 135)

Ao amigo Fernando Sabino, em carta de 1946, Clarice diz: “Acabei de passar uma semana das piores em relação ao trabalho. Nada presta, não sei por onde começar, não sei que atitude tome, não sei de nada. Digo a mim mesma: não adianta desesperar, desesperar, desesperar é mais fácil ainda que trabalhar” (Lispector, 2002, p. 88). O amigo mineiro responde no mesmo tom, compartilhando sua angústia criativa: “Como você vê, não posso te mandar nenhuma palavra animadora: sei que você deve estar se desesperando com o seu livro, que não vai, que não vai, pois também me desespero com o meu, tenho trabalhado a sério e sofrido muito” (Sabino, 2011, p. 26). Clarice responde: “Fernando, estou tentando terrivelmente escrever uma carta de notícias mas não consigo mesmo. No dia em que eu conseguir escrever uma carta de notícias talvez possa escrever uma história com um verdadeiro enredo” (Sabino, 2011, p. 77). Anos depois, Sabino, bem-humorado, pede à amiga: “Se tem escrito – o que, quanto, como; é favor me ensinar a fórmula” (Sabino, 2011, p. 99).

### **Clarice e a leitura entre pares**

A constante leitura dos textos pelos pares é uma das marcas da colaboração e mesmo da admiração de uns pelos outros, processo que sempre aconteceu e ainda ocorre, embora com outra velocidade de circulação, nos dias atuais<sup>11</sup>. O círculo de amizades de Clarice, não por acaso, é formado basicamente pelos colegas homens escritores, entre eles Sabino, Lúcio Cardoso, João Cabral de Melo Neto e, mais esparsamente, Manuel Bandeira. A irmã, Tania, age como uma espécie de representante dos interesses de Clarice no Brasil, como se pode observar em diversas cartas que tratam de suas publicações e do recebimento de pagamentos. Por meio das cartas aos amigos, em ambos os livros de correspondências, é possível rastrear os lançamentos de obras daquela época, além dos livros, nacionais e estrangeiros, que faziam sucesso. Fernando Sabino, leitor voraz da literatura, dá sempre notícia de obras que vêm sendo elogiadas e de outras que mereciam tradução, serviço que ele terminou por prestar ao país, quando teve sua própria editora. Em intensa troca entre

<sup>11</sup> Para uma relação mais contemporânea entre autores e editores, ver Ribeiro (2009).

pares, Lúcio Cardoso, leitor de Clarice Lispector, dá opinião sobre o livro *O lustre*: “Não li seu livro, mas tive muita vontade disto. Gosto do título *O lustre* mas não muito. Acho meio mansfieldiano e um tanto pobre para pessoa tão rica como você” (Lispector, 2002, p. 60). Clarice responde com certa tristeza respeitosa, dizendo: “Me entristeceu um pouco você não gostar do título, *O lustre*. Exatamente porque você não gosta, pela pobreza dele, é que eu gosto. Nunca consegui mesmo convencer você de que eu sou pobre...; infelizmente quanto mais pobre, com mais enfeites me enfeito” (Lispector, 2002, p. 62).

Fernando Sabino, também leitor dos originais da escritora, é lido por ela com o mesmo carinho. Neste trecho de uma carta, ele se autoavalia a ponto de achar descabido enviar um conto que vinha produzindo. É interessante notar as relações entre *tecnologia e circulação dos textos* na dificuldade inerente aos atos de *escrever, passar a limpo e fazer cópias analógicas de um original*. Esse aspecto aparece em diversos outros momentos de diálogo entre autores: “Ia te mandar também um conto meu chamado *O Espelho do General*, mas desisti: creio que o conto não paga o trabalho que me dará de passar a limpo e que te dará de ler. Tudo o que tenho feito cada vez corresponde menos ao que queria fazer” (Sabino, 2011, p. 102).

Clarice mantém um debate sobre seu livro *A veia no pulso*<sup>12</sup> com vários amigos, especialmente em relação à necessidade de encontrar quem o publicasse. Gozando de prestígio no Brasil, a autora podia, de certa forma, escolher o editor, mas ainda se sentia angustiada com a demora nas publicações. Fernando Sabino continuava sendo um de seus mais intensos correspondentes, para quem ela escreveu:

Estou copiando meu romance, por assim dizer terminado. Acho que vai se chamar “A veia no pulso”. Mas o nome me parece tão solto, às vezes. Quanto eu daria para você ler e me dizer o que devo ou não tirar, se o livro está ambicioso ou pretensioso, só Deus sabe, eu não sei. Já me sinto longe dele, ele não me diz mais nada – e o que escrevi com o coração perturbado, leio agora com a frieza do desprezo. (Sabino, 2011, p. 121)

A autora envia a Sabino uma imensa carta em que faz emendas em seu texto, pedindo a ele que a ajude a trocar as folhas do original para incorporar as correções que o amigo havia sugerido. Sabino fica surpreso com a aceitação quase irrestrita de Clarice às suas indicações. Em apenas um caso, ela lhe diz, em cartas de 1956:

Para modificar a estrutura do livro, eu teria que me pôr no clima dele de novo – o que me apavora, pelo menos neste instante. Foi um livro fascinante de escrever,

---

<sup>12</sup> O título final foi *A maçã no escuro*.

aprendi muito com ele, me espantei com as surpresas que ele me deu – mas foi também um grande sofrimento. (Sabino, 2011, p. 132)

Fernando, aí vão as correções. Espero que fazê-las não lhe dê muito trabalho ou amolação. As páginas que tinham correções mais complicadas ou mais trabalhadas, eu as copiei de novo: é fácil substituí-las, basta despregar a capa. (Sabino, 2011, p. 141)

A leitura compartilhada das obras em produção é, ainda hoje, uma prática entre autores. Um livro literário se faz da apreciação primeira (e primária) não de leitores “comuns”, mas de uma leitura dos pares, isto é, das redes sociais específicas formadas por artistas, jornalistas e escritores. É com essa confiança que Lispector pede ao amigo Fernando Sabino: “E pelo amor de Deus, dê a honra de ser franco” (Sabino, 2011, p. 125).

Com bem menos frequência, Clarice e o marido mantinham contato com João Cabral de Melo Neto, com quem Lispector também trocava leituras. Em certa ocasião, Cabral enviou uma carta em que menciona um próximo livro que vinha escrevendo, e pede a leitura da escritora. A respeito de *A veia no pulso*, em 1957, o poeta se manifesta a favor do título da futura obra de Clarice e critica aqueles que reprovavam tal título. Em carta de 1956, João Cabral escreve pedindo notícias do livro:

E da *Veia no pulso*? Soube que há uma grande crise editorial no Brasil. O Antonio Pedro de Livros de Portugal, que vai editar *Quaderna*, recusado pelo José Olympio, me escreve que todos os editores grandes estão em pânico. Têm devolvido centenas de livros. “O Otto Lara” me escreve dizendo a mesma coisa. Se não me engano, a Civilização Brasileira tinha aceitado *A veia no pulso*, não é? E que notícias há? E a edição aumentada de seus contos? (Lispector, 2002, p. 121)

A análise do escritor é bastante reveladora de um modo de produção, edição e circulação da literatura no Brasil, naquele momento, quando os poucos editores, concentrados em São Paulo-Rio, tinham seus cronogramas cheios e devolviam originais:

Que coisa é escrever literatura no Brasil. Eu creio que o melhor é não fazer mais nada. No Brasil, só se entende escrever em jornal. Daí essa coisa superficial improvisada, fragmentária que é a literatura nacional. Às vezes, fico pensando em certas coisas que eu gostaria de escrever: ensaios (não artigos de jornal), viagens, etc; prosa, enfim. E de repente me lembro de que é muito mau isso de escrever e não publicar. Imediatamente desisto. Escrever poesia tem, pelo menos, a vantagem de que é possível sempre se fazer uma edição limitada, barata, e até mesmo mimeografada. Mas a prosa já sai mais cara e nem nós diplomatas podemos nos permitir o luxo de romance ou mais para amigos. (Lispector, 2002, p. 248)

### **Quem edita os escritos?**

Sem computadores, arquivos digitais, becares, e-mails ou Skype, como os escritores, espalhados pelo Brasil, faziam com que suas obras chegassem aos pares, aos

editores e aos leitores, em meados do século XX? E o que dizer disso quando os escritores estavam, em grande parte, espalhados pelo mundo, exilados ou autoexilados, especialmente durante a era Vargas?

A circulação dos originais entre pares e entre editores ainda se faz nos mesmos moldes de décadas atrás, no entanto, por outros meios e com outras velocidades. Não foi à toa que a organizadora das cartas de Clarice (2002), Teresa Montero, afirmou, na Apresentação da obra: “Numa época onde os arquivos virtuais cada vez mais se tornam presentes em todos os setores das nossas vidas, a valorização das cartas se impõe como uma necessidade de preservar e, para alguns, de ‘auratizar’ um objeto fadado ao quase total desaparecimento” (Lispector, 2002, p. 12).

As cartas de Lispector aos amigos escritores revelam redes de leituras, avaliações, influências e processos editoriais tão eficientes quanto as de hoje, no entanto, bem mais lentas e analógicas, como é de se esperar, sendo mencionados a cópia manuscrita, o mimeógrafo (às vezes) e algum processo tipográfico de alcance limitado. Editada com a ajuda de amigos e parceiros, Clarice mantém um forte laço com alguns colegas de profissão que a ajudam a transferir e a negociar suas obras com editores que atuavam no Brasil de meados do século XX. Fernando Sabino é um desses amigos fortemente engajados nas publicações da autora, além de João Cabral de Melo Neto, que chegou a editá-la na Espanha. As editoras José Olympio e Civilização Brasileira são recorrentemente citadas, assim como seus editores José Olympio e Ênio Silveira.

Clarice conta com a atuação dos amigos que ficaram no Brasil ou de amigos bem-relacionados no mundo editorial para negociar e fazer sua obra circular. Em carta ao amigo Lúcio Cardoso, em 1944, ela pede apoio junto ao editor José Olympio, dono de uma das mais respeitadas editoras da época:

Meu livro se chamará O LUSTRE. Está terminado, só que falta nele o que eu não posso dizer. Tenho também a impressão de que ele já estava terminado quando eu saí do Brasil; e que eu não o considerava completo como uma mãe que olha para a filha enorme e diz: vê-se que ainda não pode casar. (...) Encarregue-se por obséquio de lhe arranjar marido na Edit. José Olympio. Se eles fizerem qualquer tipo de oposição, ou se só me prometerem a impressão daqui a muito tempo, então Tania, minha irmã, se encarregará de arranjar algo mais modesto e possivelmente pago – mas rápido, rápido, porque me incomoda um trabalho parado; é como se me impedisse de ir adiante. (Lispector, 2002, p. 56-57)

A ansiedade e a pressa de Clarice aparecem em muitas de suas cartas aos amigos. Raras são as cartas em que ela se dirige diretamente aos editores. No trecho a seguir, a autora parece responder aos prazos que lhe devem ter sido informados por Lúcio Cardoso:

Lúcio, essa Editora Ocidente é a de Adonias Filho? ele não querará editar meu livro *O lustre?* porque decididamente não posso esperar dois anos para vê-lo publicado pela José Olympio. E ainda mais sei que José Olympio não querará editá-lo depois de lê-lo. Se Adonias lesse o livro e o quisesse, se Adonias me promettesse a publicação para bem, bem, bem breve, se Adonias tivesse qualquer interesse nele e, sobretudo, se a Editora Ocidente é de Adonias! Enfim, responda-me sobre isso e eu mandarei uma carta para ele conforme a sua resposta. (Lispector, 2002, p. 67)

Em outra carta a Lúcio Cardoso, no ano seguinte, Clarice dá notícia de uma publicação por outra editora: “Tania me avisou que a Editora Agir publicará meu livro; estou esperando confirmação” (Lispector, 2002, p. 70). No entanto, em carta a Sabino, ela diz: “Recebi da Agir uma carta pedindo consentimento para adiar a reedição de P.C.S.<sup>13</sup> Consentiu naturalmente, e que me interessa, compreendo que a prudência da editora vem do silêncio da crítica em relação ao outro livro” (Sabino, 2011, p. 37).

Nos anos seguintes, João Cabral contata a autora para pedir-lhe autorização para a publicação de seu livro na Espanha:

Aproveito a ocasião para lhe comunicar que interessa a um editor daqui a publicação de um de seus romances. Qual prefere v.? Peço mandar-me o que deseje ver em castelhano e as condições comerciais em que permitirá a tradução. Esse editor é um dos melhores daqui e ao tradutor possível, um poeta meu amigo – vou lhes mandar um livro dele que imprimir – ajudarei no que o português dele for deficiente (Lispector, 2002, p. 176).

A comunicação com João Cabral é quase sempre sobre o tema edição, a convite dele, que mantinha uma espécie de tipografia própria na Espanha, onde era diplomata. Ele mesmo atuava como editor, razão pela qual tentava seduzir Clarice a fazer parte de seu “catálogo”. Em carta de 1948, ele lamenta por não começar a imprimir por uma obra de Clarice e torce para que ela cumpra a promessa, um dia, de enviar textos para publicação.

Uma sequência de cartas entre Clarice e Fernando Sabino dá conta das negociações que ela solicitava e acompanhava para a publicação de livros, especialmente romances e contos, no Brasil. O trecho a seguir é de uma correspondência de Rubem Braga, em 1956, quando o cronista dá a ela notícias sobre os editores:

Fernando me disse que o Ênio da Civilização não decidia nada sobre seu livro. Então como tinha outros assuntos a tratar com o Zé Olympio fui lá e no meio da conversa falei de seu romance. Ele disse imediatamente que edita – programará o livro logo que eu o entregar, mas o livro só sairá realmente em 1958. Ele disse que não é má vontade, e eu sei que não é; é que ele está com uma programação realmente enorme. (...) Você decida se quer topa a oferta do Zé Olympio; eu acho que vale a pena, ele é o único editor que sabe lançar um livro no Brasil. Quanto aos

---

<sup>13</sup> *Perto do Coração Selvagem*. Nota minha.

contos entregues ao Simeão<sup>14</sup>, esperarei ele voltar da Índia e falarei com ele. Inclusive penso que seria interessante publicar os contos primeiro em suplementos e revistas, depois editar em livro; é mais normal (Lispector, 2002, p. 201).

As redes sociais firmes entre os escritores e amigos moviam uma engrenagem bem mais ágil na atualidade do que naqueles tempos em que todos dependiam de cópias analógicas e dos Correios. No trecho a seguir, Clarice deixa Sabino a par da conversa em correspondência com Rubem Braga:

Não me surpreendeu a notícia de Ênio da Civilização ‘não decidir’ sobre a publicação do livro, eu já tinha adivinhado pela demora em responder que ele não queria. Quanto a José Olympio, em primeiro lugar ele está prometendo publicar, mas no escuro: ele não leu e é muito provável que depois de ler diga que não tem quando publicar pois as oficinas, etc. etc. Ora, me amola um pouco ficar implorando, pondo os outros em situação de ter que dar desculpas, ou lutando por uma causa que não me é particularmente simpática, isto é, por um livro que não adoro, e oferecendo de editora em editora e esperando o veredicto, e depois encabulada por ver os outros terem prejuízo. Já passei por isso. (Sabino, 2012, p. 170-171)

Na mesma carta, a autora explicita a Sabino sua imensa impaciência quanto às publicações. É notável sua necessidade de “se livrar” dos textos, em um movimento quase expurgatório:

Deixe eu explicar: quando escrevo uma coisa, vou me desgostando dela aos poucos, mas com alguma rapidez, e se não é logo publicada, minha vontade é não publicá-la mais, ou então, quando é publicada, sinto apenas mal-estar. Você dirá com razão: ‘se, passado um tempo, você mesma percebe que a coisa não merece publicação, então não publique.’ É certo. Mas acontece que uma coisa escrita e não publicada me dá muita frustração (...). (Sabino, 2012, p. 171)

Assim como ocorria a vários escritores de renome<sup>15</sup>, Clarice Lispector, diante da demora dos editores brasileiros, decide por pagar a impressão da própria obra em uma “oficina impessoal”, isto é, uma gráfica sem a mediação de um editor. O processo jamais deixou de ser a opção de grande parte dos autores, ainda no século XXI. E, cada vez mais, as tecnologias digitais propiciam a autopublicação nesses moldes.

Para resolver o duplo problema de J. Olympio não querer o livro e eu ter que depender de novo editor, e do fato da demora (se diz 1958 vale como 1999), resolvi, em plena e sã consciência, misturada com alguma malcriação, que pagarei a edição

<sup>14</sup> A questão com o editor Simeão Leal à qual Braga se refere diz respeito a um livro de contos publicado pelo Ministério de Educação e Cultura, em 1952. O livro, de fato, existiu, mas a demora na publicação exasperou a autora durante muito tempo. Tratava-se de uma coletânea de contos que Fernando Sabino acompanhou de perto. A ansiedade da autora pode ser notada nas cartas a Sabino, que teve ainda de lidar com um grave erro de impressão quando a obra veio a público. Um dos contos saiu com o nome de Clarice com ss, mas Sabino conseguiu recolher a edição e relançá-la com outro nome – *Alguns contos*. O autor parece ter tido papel fundamental na negociação dessa obra, em particular porque cuidou da mediação entre escritora e editor, além de ter participado de aspectos propriamente da edição do texto.

<sup>15</sup> Van Steen (2008) reúne uma série de entrevistas interessantíssimas sobre processos criativos e de edição. ☺

do livro – diretamente a alguma oficina, em base estritamente comercial: que o livro seja impresso agora, que eu reveja as provas, que eu pague o trabalho. Quanto à distribuição, já não é problema meu. Mesmo que o livro fique nas próprias oficinas, o trato é bom. Mas que seja imediato, e que “me livrem” desse livro que não posso ver na gaveta sem enjoar. Resta saber: que oficina? Não conheço nenhuma. Quem sabe se você ou Fernando conhecem alguma sem muito trabalho pela frente e que possa se encarregar de imprimir. (...) No caso de um de vocês me dar o nome de uma de confiança e palavra, então, para não dar mais trabalho a vocês, peço à minha irmã que combine preço e prazo. (Creio que mil exemplares resolveriam o assunto.) (Sabino, 2011, p. 171)

O livro *A veia no pulso*, já mencionado, rendeu uma série de cartas que lhe decidiam outros aspectos editoriais, além do título. É possível acompanhar toda a negociação para introduzir o original nas rodas dos editores, enquanto Clarice morava fora do Brasil. A conversa se inicia com um pedido dela a Sabino, em 1956: “que editor você acha que quereria publicar ‘A veia no pulso’? (o livro tem 400 páginas). Se você me disser o nome de dois ou três possíveis, eu escreverei para eles ‘oferecendo’”. No entanto, Clarice queria um editor ágil. Segundo ela: “Não tem que ser bom editor, tem que ser rápido – e me deixar então livre” (Sabino, 2011, p. 121-122). Fernando Sabino responde relatando suas negociações com as editoras Agir e Civilização Brasileira, na figura de Ênio Silveira. Diz Sabino à amiga: “você queira ou não, seu nome tem prestígio pra burro”, e sugere a ela que prefira a publicação com Ênio, provavelmente mais rápido do que José Olympio. Além da agilidade, Sabino avalia outros elementos: “na minha opinião você deve aceitar, pois eles distribuem bem e costumam vender” (Sabino, 2011, p. 123).

A negociação sobre a obra continua com a resposta de Clarice. Além da rapidez que a autora desejava, havia ainda a necessidade de controle sobre a revisão e outras etapas do processo editorial, a despeito da constante insegurança em relação à avaliação dos editores.

Estou muito contente que a Civilização Brasileira se encarregue da publicação. Sempre simpatizei com eles, e ainda mais o fato deles irem publicar seu livro também. E, ainda mais, se eles prometem não demorar. Minha vontade de me livrar das coisas é quase doença (...). Peço apenas que a Civilização Brasileira prometa me mandar as provas para eu corrigir. É possível? Naturalmente pago o transporte. Isso tudo, é claro, se eles ainda quiserem publicar depois de ler. (Sabino, 2011, p. 125)

O negócio do livro era considerado bem-sucedido por Sabino, que menciona uma tiragem de poesia realmente importante, mesmo nos dias de hoje.

E quanto à publicação, quando, como, em que condições, etc., como disse, ele [Ênio Silveira] ficou de escrever a você. Se não der certo lá, por demora ou qualquer outro motivo, não será difícil experimentar outra editora, inclusive a José Olympio (ou Martins). Negócio de livro está dando bem no Brasil, atualmente. O livro do Cyro (não gostei – você leu? mas isso é uma longa conversa) já vendeu mais de 10.000 exemplares. (Sabino, 2011, p. 136)

E Fernando Sabino tenta ser ágil para amenizar a ansiedade de Clarice, que já adiantava uma negativa do editor da Civilização Brasileira:

O Ênio não estava indeciso sobre a publicação, nem pensando em não publicar. Pelo contrário: disse que a Editora tinha o maior interesse nisso – mesmo que o livro não fosse de venda fácil, era lenta mas certa a publicação, “motivo de prestígio para a Editora” (palavras dele). Para lhe mandar o contrato sacramentando tudo, estava esperando oportunidade de ler os originais. Ora, com a impossibilidade de publicar este ano foi deixando para ler depois, dando preferência a coisas mais urgentes (está publicando quase que um livro por dia). Mas *já dando como praticamente certa a publicação* – tanto que me autorizou (ficou de lhe escrever hoje ainda confirmando) a dizer a você que publicará o romance até maio de 57, no mais tardar junho. Eu é que achei que seria mais interessante para você sair no *Zé Olympio* e enquanto não houvesse compromisso final entre você e a Civilização, pedi ao Otto e ao Rubem para falarem com ele. O Rubem falou, *Zé Olympio* também se mostrou interessado, mas para 1958, conforme você já sabe. Ora, neste caso o Ênio é melhor. Estive com ele ontem, os originais já estão com as páginas devidamente trocadas, e só me resta corrigir as emendas, o que farei hoje. Ênio promete lê-los de 1 a 10 de janeiro, numa fazenda para onde vai de férias. (Sabino, 2011, p. 173)

Logo, em resumo: a publicação está assegurada em menos de seis meses (sei que é muito tempo, mas em lugar nenhum sairia antes. Em todo caso, vou apertar o Ênio, talvez se consiga mais depressa) e apenas, como é natural, o contrato com condições, etc., está aguardando a leitura. E pode ficar tranquila que a coisa vai, continuarei seguindo de perto como se fosse para mim – e, creia, é uma alegria que você me proporciona. (Sabino, 2011, p. 174)

Mas conte comigo sempre, eu não deixaria seu livro um só momento - só sinto não haver no Brasil as condições de publicação que ele merece. (Sabino, 2011, p. 175)

A ansiedade de Clarice em relação à leitura que o editor faria de sua obra talvez tenha sido reduzida pelas notícias na carta do amigo Sabino, em 1957:

E por falar em seu livro: o Ênio Silveira me procurou para dizer que está completamente “esmagado sob o impacto da leitura de Clarice Lispector”, que ainda não terminou (me disse há poucos minutos pelo telefone). O entusiasmo dele pelo livro (já leu dois terços e prossegue, “absolutamente deslumbrado”) é bem maior do que eu lhe poderia sugerir aqui. Disse que vai lhe escrever uma carta de puro leitor, de fã incondicional, etc... Anda se referindo a você assim: “Vai escrever bem na...”, o que evidentemente é um pouco deselegante, mas a mais pura expressão da verdade. (Sabino, 2011, p. 180)

A garantia da publicação, embora em tempo demais, na opinião de Clarice, dá lugar a outras decisões, sendo uma delas a escolha do título, que volta à tona. O editor, Ênio da Silveira, parecia estar certo do sucesso da obra de Clarice Lispector, mas a situação muda quando uma crise editorial faz com que editores devolvam originais aos autores brasileiros, no final dos anos 1950. No primeiro trecho de carta, Sabino fala do encantamento de Ênio com o texto de Clarice. No segundo trecho, o assunto é a desistência do editor.

O Ênio acredita e afirma com segurança paulista que nenhum livro no Brasil e poucos no estrangeiro estão à altura do seu, é uma coisa absolutamente nova, é um impacto tremendo, etc. Coitado, era absolutamente inocente em assuntos claricianos. Também não está tão cético quanto à possibilidade de venda – acredita que venderá direitinho. (Sabino, 2011, p. 180)

Quanto ao romance, propriamente, o *ênio*, cujo nome passo a escrever com letra minúscula até que o publique, me disse que sairá em meados deste ano, logo que você devolver os originais, conforme comunicou a você. O de contos, as provas devem ter sido enviadas, você recebeu? É fácil calcular as dificuldades que você vem tendo assim de longe, pelas que a gente já tem aqui por perto mesmo. (Sabino, 2011, p. 188)

Quando Clarice retorna ao Brasil, em definitivo, em 1959, Fernando Sabino passa a se esforçar para que os livros dela saiam pela editora Sabiá, que ele fundou com amigos. E é o que ocorre. Em 1969, Sabino lê os originais de *Uma Aprendizagem ou O livro dos prazeres* e fica encantado: “Nunca um livro me deu tanta sensação diversa de perfume a cada página” (Sabino, 2011, p. 192). A fundação da editora Sabiá é assunto de uma de suas cartas a Lispector, em 1956, anos antes da empreitada. A lista de autores importantes que seriam editados dá uma ideia das redes sociais envolvidas e da velha necessidade de os próprios autores da literatura se organizarem para a autoedição ou a edição entre amigos:

O Paulo está querendo fundar uma editora, não sei se já disse (aliás não sei se você recebeu minha outra carta), vai publicar “Flauta de Papel” do Bandeira, crônicas – “Poesias Completas” do Vinicius, e talvez um livro de crônicas minhas. (Sabino, 2011, p. 137)

Em entrevista posterior, Sabino fala das intenções e dos objetivos da editora, incluindo planos de traduzir autores contemporâneos importantes naquele momento:

A Editora Sabiá tem grandes planos para esse ano. Vamos prosseguir na nossa série de antologias poéticas bilíngues, iniciada com Pablo Neruda, publicando uma de Garcia Lorca. E entre as nacionais, será lançada em breve a de Jorge de Lima. Vamos iniciar também uma série de traduções de grandes romances modernos, o primeiro dos quais será “Cem anos de solidão”, de Gabriel García Márquez – um verdadeiro monumento da literatura moderna, *best-seller* internacional, considerado o livro mais importante da língua espanhola desde “Dom Quixote”. Além disso, Rubem Braga e eu não perderemos de vista o objetivo pessoal que nos levou a fundar a Editora Sabiá: o de publicar nossos próprios livros em melhores condições e, por extensão, os dos nossos amigos. (Sabino, 2011, p. 199)

### **Considerações finais**

A exasperação de publicar um livro e o sofrimento durante a escrita evidenciam-se nas cartas de Clarice Lispector, uma das mais prestigiosas escritoras brasileiras. A leitura dos textos originais entre amigos é uma etapa quase colaborativa do processo, o que também compõe um quadro que relativiza a “solidão” do autor-artista em sua empreitada. A

opinião, a correção, o ajuste e a crítica são parte constitutiva dos textos, que se tornarão livros, numa espécie de antecipação da crítica (embora nem sempre do grande público).

Em meados dos anos 1900, escrever e publicar ainda eram atividades analógicas, sintonizadas com as tecnologias disponíveis na época. Ainda assim, os textos originais e os livros percorriam caminhos tortuosos para chegarem ao público e à posteridade. E o faziam bem. Nos dias de hoje, novas tecnologias reorganizaram esses processos, mas não dispensaram o sofrimento do trabalho de escrita, a leitura entre pares, o processo editorial, a negociação com editores e as questões de divulgação. A documentação desses processos talvez repouse nas contas de e-mails dos autores, o que pode ser, de fato, uma grande fragilidade dos novos meios de experimentar a criação e a publicação literárias. É com melancolia que Lúcio Cardoso diz a Clarice, em carta de 1947: “Nossos amigos vão bem. Octávio escreve muito como sempre, esperando ver seu novo livro dentro em breve nas livrarias. Lêdo, Breno Acioly, seguem com brilho esse triste caminho de ser escritor no Brasil” (Lispector, 2002, p. 133). O que diria Cardoso se conhecesse os caminhos de hoje? Ao que parece, os escritores continuam a seguir com brilho por novas, mas não menos tortuosas, trilhas.

## Referências

- BAHLOUL, Joëlle. **Lecturas precarias**. Estudio sociológico sobre los “poco lectores”. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2 ed. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998a. (Prismas)
- CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FISCHER, Steven R. **História da leitura**. São Paulo: Unesp, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. **Correspondências**. Org. Teresa Monteiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- MARTINS, Jorge Manuel. **Profissões do livro**. Editores e gráficos, críticos e livreiros. Lisboa: Verbo, 2005.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Relações virtuais, edições de papel e a renovação da literatura brasileira. II SEMINÁRIO BRASILEIRO LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL - LIHED. Universidade Federal Fluminense, **Anais...**, 2009.
- SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. **Cartas perto do coração**. Dois jovens escritores unidos pelo mistério da criação. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- VAN STEEN, Edla. **Viver & escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2008. V. 1, 2 e 3.